

# JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.



## CHRONICA DOS SALÕES.

Leitoras, depois de mais de oito dias consagrados á commemoração da historia da redempção torna Terpsicore, temerosa ainda, a espreitar se os templos de Deus já estão fechados para abrir ella as portas dos templos que lhe são consagrados para saptisfazer a multidão ruidosa e alegre que, tendo deixado as vestes do pezar, trajem de novo as sedas, as flores e a elegancia para recommear a interrompida adoração do mytho fascinador que conhecemos pela denominação de *Prazer de um baile*, ou *Phantasia do mundo elegante*.

Com effeito, a insomnia causada pela devoção de ouvir a missa de Ressureição, não foi motivo para que na noite de domingo deixassem de haver algumas bellas reuniões onde a animação e o prazer reinarão constantemente. Cantou-se e dançou-se em muitas partes; e muito concorreu para isso o tempo ameaçador da tarde desse dia, que privou que concorressem ao Pessejo Publico a maior parte dos amadores desse bello lugar.

A chuva havida nos dous dias seguintes tornou um tanto monotonna a cidade, que só foi entretida pelos espectaculos dos theatros lyrico e dramatico; representando-se no primeiro as operas *D. Poscoal e Trovador* e no segundo os applaudidos *Milagres de Santo Antonio*.

Na quarta-feira o véo do máu tempo rasgou-se, ou foi rasgado pelos raios do sol, que desde a

manhã se mostrou sobre um céu puro e claro, dando assim logar a que fosse concorrida a partida do *Club Fluminense*, que por quinze dias esteve fechado ás senhoras. Esta partida foi bella e animada; comparecerão ahi pela primeira vez algumas senhoras, que augmentarão o numero das que com infallibilidade fazem o prazer e animação desses bellos salões.

Estão annunciadas, minhas amigas, as partidas de todas essas sociedades que fazem a nossa preocupação: vão abri-se os salões que são o mundo em que vivemos. A primeira reunião annunciada é a da sociedade *Vestal*, para a poite de 14. Vós todas conheceis bem a digna directoria, tendes louvado por muitas vezes o interesse que ella tem tomado pela prosperidade e brilhantismo da sociedade, e isso me dispensa de prevenir-vos a respeito della e de annunciar-vos parte do que apreciareis nesta reunião.

Sei tambem, leitoras, que estão engajados alguns corações, e convencionados alguns casamentos, cujas noivas são mais ou menos do nosso conhecimento: e dar-vos-hei em tempo esta noticia mais circumstanciadamente quando não possa ella parecer uma indiseripção.

Nada me occorre mais hoje para noticiar-vos; e por isso com sincero pezar me despeço de vós até ao proximo domingo.

Alina.

## JARILLA.

PELA SRA. D. CAROLINA CORONADO.

(Continuado do n. 44.)

II.

A rainha D. Leonor.

Alli hablaron sus doncellas:  
Bien dices lo que diran.  
— ¿Qué es aquesto, mi senora?  
— Quien es el que os hizo mal?  
— En sueno soné, doncellas,  
Que me ha dado gran pesar,  
Que me veía en un monte,  
En un deserto lugar.  
Bajo los montes muy altos  
Un azor vide volar  
Tras del viasse una aguililla  
Que lo afincaba muy mal.

ROMANCEO.

Abriu D. Leonor os olhos aterrada dos sonhos que a haviam agitado, e chamou suas damas quando era alta noite ainda. A viuva de D. Fernando d'Antequera, ramo florido do nobre tronco dos antigos cavalleiros, era uma castelhana incontestavelmente formosa. Porém o seu rosto achava-se no quarto minguaute; que os rostos formosos seguem todas as phases da lua, suppondo a juventude como o seu plenilunio.

O minguaute que começa com a primeira ruga, vai roubando logo a redondez das faces, aprofundando a boca, afilando a barba e nariz, até que no ultimo quarto apresenta-se como a lua, com as suas extremidades salientes! Ah! a lua, porém, torna ao seu crescente; e a formosura essa não volve jámais!

Nada mais perigoso que o rosto de uma mulher formosa no seu ultimo quarto; como não é uma belleza de esperanças, como os seus attractivos estão prestes a desaparecer, pro-luz o seu olhar o effeito da ultima luz do luar que tem illuminado noites de estio.

O semblante de D. Leonor, rosado quando moça, adquirira com a idade e os desgostos essa pallidez mate, que esparje como uma aureola em torno das feições, e que fazia brilhar com mais força o negro azulado dos seus tristes e rasgados olhos. O cabello começava de encanecer-lhe, por cima das fontes, fazendo em seu alto toucado o effeito de uma cabelleira apovilhada. A figura, o andar, o porte de D. Leonor erao verdadeiramente regios.

Tinha mais um attractivo, que lhe valeu como rainha e como mulher, o respeito dos homens. Este attractivo era a graça, a doçura e a solemnidade do seu fallar. Em dous pontos exerce o magnetismo sua principal influencia, no olhar e na voz.

A voz de D. Leonor, cheia, sonora, vibrante e apaixonada, reboou pela calada abobada de seu assento como o soldo de um alande.

D. Leonor estava agitada e a tremer. Tinha os braços fóra da roupa, a cabeça deitada para

traz, como se tivesse luctado com algum phantasma; e em suas faces visou-se algumas lagrimas quasi congeladas. Olhou muito fito para a ampada que ardia sobre uma columna de marmore, como se buscasse na sua luz animo contra o terror que a dominava; e tornou a repetir o nome de Alda que primeiro havia chamado.

Acudiu a dama espavorida, e D. Leonor mandou-lhe que abrisse as janellas.

— Ainda não rompeu o dia, exclamou tristemente; mas não importa. Alda, quero levantar-me.

Alda communicou esta ordem ás outras damas, e estas puzerão á rainha um vestido negro, e lhe envolverão os cabellos n'uma redessinha. A contracção nervosa que experimentava D. Leonor tornou difficil até o calçar-lhe os pequenos chapins.

Depois D. Leonor dirigiu-se ao seu oratorio, aonde esteve de joelhos até que foi claro dia.

Era singular aquelle sobresalto da rainha; que com tanto valor havia em outras circumstancias encarado a adversidade. Em raras occasões o seu semblante perdia a serena e resignada expressão de melancolia, e suas damas estavam espantadas, contemplando em silencio aquella mudança.

Não seriam ainda oito horas, quando D. Leonor mandou chamar o seu capellão e lhe perguntou:

- Aonde está Vicente Ferrer?
  - No seu retiro.
  - Rogai-lhe que venha fallar-nos!
  - E se estiver prostrado de forças?
  - Dizei-lhe que lá irá nossa propria pessoa.
- Partiu o capellão, e D. Leonor tornou para o seu oratorio.

Uma hora depois apresentou-se o santo.

Ajoelhou a rainha, e desatou a soluçar. Animou-a Vicente, e quando pôde fallar, disse:

— Nestes momentos, padre, cahê debaixo dos golpes do ferro algum valente campeão. Vi em sonhos uma sanguinolenta batalha... um cavalleiro... cujo brasoão não pude distinguir, recebeu uma ferida; vi rebentar-lhe o sangue como uma torrente... e ouvi os seus gemidos... o seu ultimo suspiro de agonía... Não o conheci logo; porém, acerquei-me delle, tirei-lhe o elmo, e...

A rainha deverteu-se, e as faces retingirão-se-lhe de purpura.

- E era o mestre?
- Meu filho! exclamou a rainha no maior desespero, meu filho... não, não estou certa!
- Era D. Pedro?
- Oh! o outro meu filho... talvez... não, não era.
- Era el-rei?
- Padre, disse D. Leonor roçando a cabeça quasi pelo chão, não era el-rei.

— Quem era o morto ? repetiu Vicente com solemnidade.

A rainha ergueu os olhos ao céu como a pedir-lhe forças para fallar, e quiz mover os labios. Mas não pôde, e respondeu com soluços.

— Reflecti bem. Esqueci que sois rainha, e confessar todos os vossos pensamentos.

D. Leonor retirou-se a um canto do oratorio, e meditou por largo espaço.

Entretanto Vicente não cessava de orar. Assim que a rainha acabou, confessou-a e deu-lhe a absolvição.

Ao mesmo tempo entrava no pateo do palacio um expresso do mestre de Santiago.

A rainha adiantou-se, ainda a tremer, para

receber a noticia, e entregou a Vicente a carta que elle trazia, e que resava assim :

« Minha mãe e senhora, saude. O rei sitiou Albuquerque. Rogai a Deus que proteja vosso filho. — D. Henrique, Mestre de Santiago. »

— Ah ! exclamou a rainha, meu padre, dai-me outra vez a vossa santa benção, que vou já dirigir-me aonde está meu filho !

— E' a ultima, disse o missionario estendendo a mão por sobre a cabeça da rainha : quando vós tornareis, minha filha, já eu terei cessado de existir.

E cumprirão-se as suas palavras ; porque morreu oito dias depois.

(Continua).

## POESIA.

### AMOR E ELLA !

*Amor ! paixão que leva o pensamento  
A crêr n'uma existencia venturosa ;  
Que abraça o peito, e n'alma—pressurosa  
Produz e alenta um doce sentimento !*

*Amor ! acaso vem a tua essencia  
Lá do Céu, onde tudo é presenteiro ?...  
És celeste, e na terra és o primeiro  
A despertar o gozo da existencia !*

*Amor ! resume em ti a natureza  
Tudo quanto ha na terra—de ventura !  
Amor ! paixão... delirio... dôr... loucura...  
Que sei eu ! que de ti tambem sou preza ? !..*

*Amor ! eu já te sinto no meu peito !  
Prazer, martyrio, alegria e dôr,  
De mistura lhe deste, ó grato Amor,  
Sem que eu conheça teu real effeito !*

*Eu te vi travesso Amor,  
Em figura de donzella ;  
Nessa figura tão bella  
Meus olhares empreguei !*

*Vi-te, Amor, nos olhos della,  
Tão meigos, tão seductores,  
Que uma morada de amores  
Esses olhos eu julguei ! !*

*Vi-te nas tranças mimosas  
Dessa angelica figurã ;  
E na tua travessura  
Fos-te em seus labios posar !*

*Invejei-te essa ventura,  
Criminei-te ao ver-lhe o sizo,  
Mas logo um meigo sorriso  
Veio meu peito alegrar !*

*Brincavas tão descuidoso,  
E á donzella tão ligado,  
Que eu mesmo estava enganado  
Sobre quem era o Amor !*

*Nesse engano sepultado  
Essa donzella attentei :  
Era ella que eu julguei  
Seres tu, ó deus traidor !*

*Tryumphante desse engano  
Vens aninhar-te em meu peito ;  
Sinto nelle o teu effeito,  
Amei logo essa donzella !*

*A suas graças sujeito  
Até lhe adoro um sorriso,  
É me a vida um Paraíso,  
A minha vida é só ella ! !*

*Sou feliz, eu o confesso ;  
Porém acho-me offendido  
Por me haveres iludido  
Em julgar-te essa beldade !*

*Mas seja isso esquecido,  
E não me sejas tyrannio ;  
Eu te perdoo o engano  
Pela doce realidade ! !*

Nictheroy—1855.

## VER E MORRER.

Eu amei uma virgem tão linda  
Que entre as virgens tão lindas não vi;  
Tinha encantos, bellezas tão raras,  
Que matavao... pois, vendo-a, morri!

O seu rosto, era a cópia de Venus,  
O seu todó, ideal de belleza,  
O seu corpo, pintura celeste,  
Nos seus lábios, do lyrio a pureza!

Tinha uns olhos tão negros... tão negros,  
Tão volvidos... com brilhos de ardor,  
Lindos olhos que os ánjos temião  
Que entornavao Vesuvios de amor!

Lindas tranças, que a noite semelhão,  
Rubrós lábios da cor do carmin,  
Niyíos dentes, correntes de per'las...  
Branças per'las... ou alvo setim!

E quem fóra, que vendo tão bello,  
Linda Elinia, teu todo que eu vi,  
Não morrera de morte de amores,  
Qual, te vendo, de amores morri? !..

Rio de Janeiro.

F. Gomes da Silva.

## AS ALMAS AMOROSAS.

Deus mesmo manda que se ame:  
eu vol-o digo em verdade.

Os dous lampeões que ardião na rua de cada lado do portão estavam quasi a apagar-se. Depois de terem consumido todo o azeite de suas lampadas de barro, as duas chammas devoravão com luz amortecida as torcidas, fazendo crepitar as pontas de barro que as fixavão em seus logares.

A fileira de carruagens que estacionavão ao longo do passeio diminua á cada momento.

Ha ainda muita gente, senhor? perguntavão os cocheiros aos cavalheiros que se retiravão sóz da casa.

Os lampeões da escada, com as torcidas muito levantadas e não tendo azeite, deixavão fumejar suas torcidas coroadas de excrescencia incandescentes. No botequim, os serventes dos refrescos se haviam assentado e adornecido.

Na vestiaria, a condescendencia dos criados, animada pela esperança de uma proxima retirada, tinha feito o modelo dos criados. Demais o logar era muito frequentado. Os homens ahí se enfiavão em seus casacos infinitamente variados em forma, em tecido, em cor, em idade e em estado de conservação. As mulheres prestavão cuidados analogos á supreposição dos calçados: que as obrigavão pela precipitação e incommodos das luvas que trazião nas mãos, a deixar ver algumas lindas pernas, cuja cor viva, adquirida pelo exercicio da noite, se mostrava através das meias de seda finas e distendidas.

O salão se havia tornado mais sonoro. As notas agudas do flageolet echoavão claras e vibrantes através dos sons da orchestra.

As chammas das velas começavão a dar perigosos beijos nas agueças de cristal. Ouvia-se no parque os passos dos que dançavão. Os bouquets das senhoras estavam murchos: e haviaõ

alguns esquecidos sobre as mesas. Algumas flores haviam cahido ao chão, onde os pés as tinham desfolhado ou pisado. Encontrava-se em um ou outro logar um *guleau* abandonado, um copo meio vasio. Encontrava-se a cada passo algum destroço do naufragio dos prazeres.

O baile caminhava pois rapidamente para a sua terminação.

A Sra. de Vernes dançava com o Sr. de C... Tinha ella vinte tres annos. Era uma das mais lindas mulheres de Pariz, talvez a mais *entourée*. Havia-se casado aos dezeseete annos com um general de cavallaria que tinha setenta, e do qual, ao cabo de um anno, como veio a acontecer, teve ella o que queria ter, isto é, dez mil libras de renda. Desde então, vivia ella nas doçuras da yuvez e da feacirice a mais desenfreada sem que se lhe pudesse attribuir a sombra de um amante feliz.

Estava tambem ahí um joven capitão de Estado-maior, o Sr. Paulo de Berall, que se tinha apaixonado por ella de uma maneira prodigiosa: sem duvida não havia elle parecido bastante rico, porque apezar de grandes titulos para merecel-a, foi desdenhosamente repellido depois de haver sido ao principio favoravelmente acolhido. O desespero lhe tinha subido á cabeça, e tinha partido para a Africa com a resolução de ahí morrer: e assim aconteceu. Havia finalmente o ultimo dos Chailly, bello moço de 25 annos, fogoso, intelligente e de espirito cultivado, que depunha aos pés da Sra. de Vernes seu bello nome e uma fortuna... ah! menos bella.

Entretanto a Sra. de Vernes deixava espalhar-se na sociedade que ella ia casar-se com o velho duque de Bournouville, velho de alguns setenta e dous annos, e com vinte mil escudos de renda. E asseguravos que o negocio estava quasi a realizar-se.

Ora, a contradança que a Sra. de Vernes dançava com o Sr. de Chailly, era a ultima.

Quantos suspiros e adeuses se cruzavam na quadrilha! Quantas flores, e quantos ramos mesmo se furtavam ou se davam mysteriosamente! quantas mãos se apertavam em silencio! quantas palavras dos mil dialectos amorosos se murmuravam baixinho!

Não digo isto a respeito da Sra. de Vernes.

Ella nao suspirava, não dava flores nem ramos, e se se lhe furtasse uma petala de rosa, teria logo dardejado o delinquento com algum destes olhares severos que se estava acostumado a temer della. A Sra. de Vernes nunca havia apertado uma mão; e quanto á linguagem amorosa, ella a não entendia, ainda mesmo tendo o dictionario na mão.

— Senhora, dizia o Sr. de Chailly com o coração entusiasmado, com a alma desolada, não podeis imaginar as torturas que tenho soffrido esta noite. Porque me permittestes dizer-vos meu....

— Silencio! calai-vos indiscreto!

— Laura! que praser sentis em destruir e em animar a minha esperanza! Não vedes que eu soffro a ponto de não poder mais aceitar a existencia que me fizestes?... Vós não me amais!

— Eu..., amo a todos.

— Seria mais acertado dizer que não amais pessoa alguma.

— Ou isso!

— Vede, senhora, que me suicidarei!

— Todos os homens o dizem.

— Mas eu o farei.

— Não sabeis quanto me sois necessario, disse a Sra. de Vernes com doçura.

— Posso crê-lo? disse de Chailly reanimado.

— Certamente, respondeu ella com ar agradavel, quem dançaria commigo a masurka no proximo domingo?

— Digo-vos que me suicidarei. — Adeus, senhora!

— Adeus, senhor, passai bem.

Tendo entrado em sua casa a Sra. de Vernes, acompanhada pela sua criada de quarto, começou a despir-se.

Mas Justina havia adormecido quando esperava, e o torpôr do somno lhe tinha entorpecido os dedos, inchado os olhos e embrutecido o espirito.

Impacientada pela sua inhabilidade e por esse estado de embrutecimento que é particular a quem é interrompido no somno, a Sra. de Vernes despediu a pobre rapariga, dizendo-lhe que se despiria só.

Justina sahio, e logo que chegou fóra da porta, ella se fechou por si e o ferrolho correu.

A Sra. de Vernes pensou que alguma corrente de ar faria fechar a porta, e que o choque houvera feito correr o ferrolho.

Para começar a despir-se quiz ella tirar a camelia que levava na cintura, mas dirigindo os olhos para ella percebeu sobre uma das brancas petalas da flor uma mancha de sangue.

Certificou-se que não estava acommettida de gum jato de sangue pelo nariz; e, não perce-

bendo qual seria a causa deste accidente, julgou ser illusão de sua vista perturbada pelas luzes do baile e pela fadiga.

Logo que a flor foi collocada sobre o braseiro, ella deixou de ver a mancha de sangue; mas olhando para si viu-a na sua cintura. Teve entao um sobresalto de coração, e sentiu passar por seu espirito uma vaga apprehensão.

O cinto collocado perto da camelia tornou-se alvo como ella: mas a mancha se apresentou entao no vestido, o que acabou de convencer completamente a Sra. de Vernes, que ella era victima de uma allucinação. Entao tomou ella a sua camelia para experimentar se, tornando a collocar-a no seu primeiro lugar, o phenomeno que a tinha surpreendido se reproduziria. Apenas a collcou, viu desfolhar-se por si mesma a flor, e suas petalas transformarem-se em gotas de sangue que cahirão, uma por uma, no seu vestido. A vista de tal phenomeno ficou horrorizada, seus olhos allucinárão-se; sua boca abriu-se como que para gritar: mas as fauces contrahidas não deixárão desprender-se a voz. Estendeu a mão para o cordão da campinha que pendia perto do espelho da lareira... O cordão suspendeu-se por si ao longo da parede até acima do alcance da mão.

Então, pallida de espanto, e acommettida de um tremor nervoso, a Sra. de Vernes deixou-se cair desfallecida sobre uma cadeira.

As duas luzes que allumiavam o aposento apagárão-se, e a escuridão, não á de um aposento, mas uma escuridão que parecia infinita reinou, ouvindo a Sra. de Vernes no meio della um rumor longinquo de soluços e de beijos. Mas estas trevas tiverão pouca duração. Ella viu logo um clarão communicar-se por debaixo da porta, pela qual Justina havia sahido.

A porta abriu-se deixando entrar uma claridade que não tinha causa. Não era a claridade do dia, nem a de velas, nem a de lampadas, nem a do gaz; não era uma claridade humana; era um clarão anuviado e confuso, semelhante á luz de um phosphoro, que fazia lembrar o outro mundo.

Uma mulher entrou, bella e ornada como para um baile.

A porta fechou-se, e a mulher e o clarão ficaram. O clarão tornou-se extremamente vivo sem mudar de aspecto.

A mulher dirigiu-se para a Sra. de Vernes, e quando chegou perto della parou. Viu entao a Sra. de Vernes as flores que desciam em grinaldas ao longo do vestido desta mulher, murchar, desfolhar-se e cair sobre o tapete; depois o vestido tambem se desfez como as flores.... A Sra. de Vernes levantou os olhos!... A phisionomia desta mulher levantava-se e destacava-se como uma mascara. A proporção que a mascara se desviava, os ornamentos que guarnecião a cabeça desta mulher, cahião um a um pelo chão....

Então o mesmo semblante, ou antes a mascara, cahiu, e a Sra. de Vernes viu diante de si....

Continúa.)



## BOLETIM MUSICAL.

Minhas caras amigas, eis-me aqui a noticiar-vos as occorrenças do mundo musical. Não temos, é verdade, noticia de se haver publicado composição alguma obra, mas nem por isso deixa de haver novidades dignas de serem leyadas ao vosso conhecimento. Uma dellas, e de muita importancia, é a nova empresa creada para um novo theatro lyrico, o qual ouvimos dizer que será muito maior que o *Provisorio*. Deus queira que se realice este pensamento, e que a nossa cidade seja dotada com um theatro digno della.

O Sr. Labocetta, tenor que por tanto tempo se fez ouvir nesta cõrte com geral accitação, terminou o seu contracto, e por incommodos de sua saude não pôde renovar-o: tem portanto de retirar-se. Sentimos ter de comunicar-vos que o Sr. Ferranti, tendo tambem concluido o primeiro contracto, não foi ainda novamente contractado, havendo-o sido o Sr. Mageroti. Pretende a directoria realisar esta triste substituição? Será possível que se pretenda admitir comparação entre a bella voz e graça do Sr. Ferranti que apenas conta vinte oito annos de idade, com a voz e corpo pesado do Sr. Mageroti que tem tido a ventura de ver passar-lhe pelas costas uns sessenta janeiros? Não queremos negar a este ultimo artista algum merecimento; mas os amadores do theatro lyrico são unanimes em não admitir a preferencia, nem mesmo o paralelo que a directoria tem estabelecido.

E' para lastimar que haja incorporada á companhia de canto uma outra de invalidos. Talvez pretenda a directoria completar uma collecção de antiguidades musicas, por prazer de possuir o que nenhum theatro possui, ou para fazer algum estudo physiologico sobre as vozes dos velhos.

Esta segunda hypothese tem algum logar por haver um medico na directoria, segundo o juizo de uma nossa amiga; e a primeira, como pensa outra espirituosa senhora, pôde tambem achar razão na esperança de copiar em bustos de madeira os velhos cantores. Ora isto nos parece tanto mais exacto quanto o Sr. Labocetta, não podendo mais cantar, não ficou no theatro, talvez por ser ainda inopco.

A bella collecção da directoria seria facilmente completada se se fizesse constar na Europa que seriam contractados todos os cantores do seculo passado que ainda vissemos; e que estão aqui com vantagem os Srs. Mageroti, Tati, Gentili, Zecchini, Sicuro, e alguns coristas.

Chegou da Europa no ultimo paquete um novo tenor, cuja voz ouvimos elogiar, e nos consta que deve chegar brevemente mais uma cantora.

Com este pessoal e com a nova entrada do Sr. Ferranti ficará o theatro perfeitamente servido para o publico, assim como a directoria não deixará de sentir grande prazer se contractar o Sr. Labocetta para a sua collecção.

O distincto pianista, o Sr. Arnaud, vai dar brevemente um concerto no salão do theatro lyrico, o qual será honrado por Suas Magestades. O distincto artista, cavalheiro e desinteressado, não exporá bilhetes á venda, e somente dirigirá convites ás pessoas que quizerem beneficiar-o. Cantaráõ nessa noite os artistas da companhia lyrica; e ouvimos dizer que se fará ouvir tambem, em obsequio ao beneficiado, a nossa distincta dilettanti e patricia, a Sra. D. Carlota Leal, filha do Sr. Dr. Geraldo. Sabeis, leitoras, que a voz desta interessante senhora é considerada como uma das melhores que aqui são conhecidas, e ha professores que a declarão a melhor. E' pois ella a primeira, que, á imitação do que é admittido e louvado na Europa, se presta a auxiliar com o seu contingente um artista distincto.

Nós a louvamos sinceramente, e felicitamos ao Sr. Arnaud pela brilhante e escolhida reunião que sem duvida ha de concorrer a' obsequial-o.

No domingo passado, vos annunciou a minha collega Alina que *Talbert* vem ao Brasil; mas eu vos direi agora que talvez venha tambem o insigne *Verdi*; e no caso de realisar esta viagem, comporá aqui uma ou duas operas para o nosso theatro.

Permitta o Céu que os grandes talentos europeus affluão ao nosso paiz, para com sua presença e seus trabalhos animar e desenvolver os muitos genios nossos patricios.

Corina.

## VARIEDADES.

## OS OLHOS HUMANOS.

Sendo os olhos uma das partes que mais concorrem para a belleza de um semblante julgamos que não desagradará ás nossas leitoras; que lhes apresentemos algumas noções a respeito da va-

riedade, fórma e cor dos olhos humanos nas diferentes nações, que compoem a especie humana, mencionando aquellas em que a differença é mais sensivel e surprehendente. Qual seja a origem desta differença não podemos conhecer, assim como ignoramos a variedade daquella phy-

sionomia que chamamos nacional. É verdade que cada homem se distingue de outro por certas linhas de individualidade, que, apesar de as podermos distinguir, não nos é fácil explicar: até a tenra criancinha distinguirá sua mãe ou sua ama entre milhares de mulheres, porém esse resulta da proporção mysteriosa entre muitas feições e sendo os olhos uma só, ainda que mais expressiva, não admitta tanta variedade. Sem embargo, não só, nas varias partes do mundo, não só nos paizes particulares que chamamos nações, mas ainda nas provincias que compoem um mesmo estado, ha uma variedade na cor e forma dos olhos, que chama a attenção ainda do mais indifferente observador.

Os olhos pretos, agudos, brilhantes e inquietos do Hespanhol distinguem-se dos olhos grandes abertos e azues do allemão assim como os olhos orbiculares grandes castanhos e expressivos do Italiano se distinguem dos olhos pardos e circunscritos do Sueco e habitantes das costas do Baltico. A differença entre os de uma mesma nação é tambem grande. Quem não distinguirá os olhos de uma Andaluzia dos de uma Navarra ou Biscainha? Pois quasi a mesma differença se encontra entre os olhos dos Ingleses junto ao Canal e os olhos dos seus vizinhos os Escossezes. Os olhos animados, intensos e penetrantes, do Judeo são sempre os mesmos em todos os climas da Europa, assim como os formosos e magestosos olhos Arabes são os mesmos em todos os paizes da Asia por onde se tem espalhado. Provém esta differença do clima ou de mescla de nações? Se admittir-mos a segunda, é preciso admittir-mos tambem a primeira, pois quea tal mescla deve ter precedido uma differença nacional. Se é effeito do clima porque não são de uma mesma forma e cor em todos os habitantes de uma mesma latitude e localidade? Os Chins, os Indios e os Persas habitão as mesmas latitudes na Asia e contudo não se acharão tres povos no globo mais differentes na forma dos olhos. Grandes palpebras, abertas por uma fenda obliqua, mostrão os olhos pequenos, pardos e indifferentes de um habitante do Celeste Imperio, tão distinctos dos olhos redondos e castanhos de um Indostano, tão oppostos aos abertos e azevichados de um Persa.

Tres variedades geracs podem estabelecer-se sobre a forma e cor dos olhos: uma peculiar a algumas nações; outra observada entre os sexos e outra que só existe entre homens de differentes occupações.

I.

DIFFERENÇAS NACIONAES

Cor.

As differenças dos olhos entre nações distinctas, parecem estar como dependentes da cor ou compleição mais prevaescente nas pessoas de um paiz, e ainda que se achem muitissimas excepções, tem sido classificadas do modo seguinte:

I.—As nações compostas de individuos de pelle mui alta e cabellos mui ruivos tem geralmente olhos azues-cláros; e as de cabellos mais afofueados tem communmente a papila de cor verde.

A esta classe pertence a maior parte da Europa, como os Russos, Suecos, Allemaes, Hollandezes e Ingleses.

II.—Nações de cor moderadamente clara têm communmente olhos negros.

A esta classe pertencem os Polacos, Francezes e habitantes da Circassia, Georgia e Anatólia.

III.—Nações de cor algum tanto morena têm geralmente olhos castanhos escuros e de grande brilho.

A esta classe pertencem os Portuguezes, Hespanhoes, Italianos, Gregos e habitantes de Africa Septentrional.

IV.—Nações cetrina ou azeitonada têm usualmente olhos pardos ou de cor alaranjada mui pallida.

A esta classe pertencem os Hotentotes, os Mangolos, Tartaros e habitantes da alta Asia.

V.—Nações de cor encobrada ou avermelhada, têm regularmente olhos pardos arroucados.

Estes achão-se na America e particularmente no Norte e são os verdadeiros aborigenes do paiz.

VI.—Nações mui pretas, porém de cabellos corridos têm os olhos muito pardos.

A esta classe pertencem os Indios de Malaca e os habitantes das ilhas da Asia Oriental e do Oceano Pacifico.

VII.—Todos os negros da Africa central, da Nova Hollanda e parte Austral têm os olhos intensamente pretos.

Quando os physiologistas nos dizem que a cor dos olhos depende de sua estrutura; nada nos dizem porque não nos podem explicar quaes são os tecidos que formão a modificação da estrutura para produzir uma cor particular.

FORMA DOS OLHOS.

As pifferenças nacionaes da forma dos olhos não se podem classificar tão distinctamente como as da cor. O unico modo de averiguação seria uma inspecção attenta dos viajantes sobre este assumpto e é pena que elles em lugar de examinarem o homem só se occupem na descripção de torres e moralhas arruinadas ou em referir alguns costumes ou particularidades de individuos para fazerem rir os seus leitores. As differenças da forma dos olhos dependem do seu tamanho, da sua situação e das suas dependencias ou partes adjuntas como sobrancelhas, palpebras e pestanas.

I. Quanto ao tamanho.

Os habitantes das regiões temperadas têm geralmente os olhos grandes e os das regiões muito frias ou muito quentes olhos mais pequenos. Quasi todas as nações Europeas, da costa septentrional d' Africa e partes da Asia occiden-

tal pertencem aos primeiros; os Lapoes, os Esquimãos os Indostanos e os Negros pertencem aos segundos de maneira que os olhos de um Mouro parecem outro tanto do que os olhos de um habitante da terra de Lavrador. Não obstante esta differença não é tão notavel á primeira vista como a disposição dos dous olhos.

### II. Quanto á situação.

A distancia de um olho ao outro, a direcção obliqua em que estão collocados, e a profundidade em que estão encaixados, é a differença que causa mais impressão á primeira vista. Todas as tribus Mongolas, como Tartaras, Chins e Japonezas são mui notaveis na distancia de um olho a outro, deixando um espaço de rosto mui consideravel privado de animação, causa da frieza apparente do rosto dos Chins. Não se poderá achar maior contraste de expressão do que o iris flogoso dos olhos de uma Judia e a gelada pupila de uma China, na qual a grande distancia entre as duas orbitas e o chato do espaço, fazem parecer os olhos muito menores. Quasi todas as nações selvagens do Norte da America e do Sul da Africa tem os olhos em linhas obliquas, e não horizontaes como nas nações civilisadas. Isto é tanto mais estranho, quanto que a civilisação não pode produzir um tal effeito organico; nem pode attribuir-se ao clima porque o mesmo se observa nos Indios americanos do Norte que vivem entre a neve, e os Indios selvagens defendendo-se do calor nos bosques espessos da Africa meridional. A profunda inserção dos olhos em algumas nações, como os Malayos, Hotentotes e Indios americanos é outra differença consideravel pelo contraste que apresenta com a proeminencia dos olhos dos Cosacos e Russos, que parecem saltar das orbitas.

### III. Quanto ás dependencias.

Estes adminiculos dos olhos varião consideravelmente. A sobrancelha dos Europeos é larga espessamente povoada de pelos aptos a crescerem muito e as dos Negros é estreita e com pelos muito curtos. As Gregas têm as sobrancelhas delgadas, altas e arqueadas; as mulheres do occidente e sul da Europa têm as sobrancelhas mais grossas, mais povoadas e direitas, emquanto as Chinas não têm mais do que um cordão negro, que fórma como uma risca feita com tinta. A mesma differença se observa nas pestanas, as quaes têm muito curtos e com grande espaço de cabelo a cabello emquanto as Europeas as tem maiores e mais espessas. As palpebras dos Europeos são muito delgadas e tão bem cortadas, que podem separar-se e mostrar quasi todo o globo do olho com expressão de intelligencia e superioridade, e as dos negros são grossas e pe-

zadas particularmente a superior que cabe cobrindo ametade da pupila mostrando abatimento e ignorancia.

(Continua.)

### Dos gigantes.

Em 1755 houve em Pariz um gigante de seis pés, oito polegadas e seis linhas: tinha nascido na Finlandia em uma povoação situada na Laponia Meridional, pouco distante de Tarnes.

O gigante de Toresby na Inglaterra, tinha sete pés e cinco polegadas inglezas.

Um porteiro do duque de Wurtemberg na Alemanha, sete pés e meio do Rhin.

Outros tres gigantes mostrados em Inglaterra, um sete pés e seis polegadas, o outro sete pés e sete polegadas, e o terceiro sete pés e oito polegadas.

O gigante Cajanus, de Finlandia, sete pés e oito polegadas do Rhin ou oito pés da medida sueca.

Um guarda do duque de Brunswick, Hanover, oito pés e seis polegadas de Amsterdam.

O gigante Guilli da cidade de Trento, no Tirol, oito pés e duas polegadas da medida de Suecia.

É um sueco, soldado da guarda d'el-rei da Prussia, oito pés e seis polegadas, medida sueca.

### CHARADAS.

Já depressa	1
Correndo	2
P'ra longe;	1

Negocio este  
Que chamão peste  
Enfermidade  
Da morte comadre.



Joséfon.

Com um—X— faizeis meu nome,	1
E como alegre elle está!	3

É zangado, eil-o assim,  
Nunca rir se lhe verá.

Amelia.

Acompanha este n.º 15 uma valsa para piano.